AURÉLIA E MARIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O PODER

AURÉLIA AND MARIA: CONSIDERATIONS ABOUT POWER

Mônica Rodrigues dos Santos (USP)[1]

RESUMO: O presente artigo desenvolve uma reflexão acerca das diferentes formas de poder das personagens principais dos romances *A Virgem da Polônia*, de Joaquim Bastos, e *Senhora*, de José de Alencar, contrapondo-as à Luísa, a protagonista do romance português *O Primo Basílio* de Eça de Queirós, partindo de considerações sobre as particularidades do romance em língua portuguesa.
PALAVRAS-CHAVE: Romance; Estudos Comparados; Poder; Mulheres.

ABSTRACT: This article presents an observation concerning the different kinds of power presented by the main characters of the novels *A Virgem da Polônia*, by Joaquim Bastos, e *Senhora*, by José de Alencar, in contrast with Luísa, the protagonist of the Portuguese novel *O Primo Basílio*, by Eça de Queirós, starting from considerations about the peculiarity of the novel in Portuguese.
KEYWORDS: Novel; Comparative Studies; Power; Women.

Acredito que estudar outras formas literárias que não o romance seja uma tarefa menos árdua do que aquela a qual nos propomos aqui. Mas como é este um gênero intrigante e desafiador e sobre o qual muito se teoriza, por que não seguir na busca por – senão respostas definitivas – novos caminhos acerca do gênero e, nas linhas seguintes, do romance em língua portuguesa e suas particularidades?

O romance

No Brasil e em Portugal, diferentemente do que ocorrera na França e na Inglaterra, não se pode enxergar o romance *apenas* como "sedimentação formal de uma experiência sócio-histórica, plasmada em obra de arte" (Vasconcelos 2007: 52), já que a forma literária nos dois primeiros fora literalmente importada dos últimos; além disso, sabe-se que os romances chegaram tanto no Brasil quanto em Portugal antes de existirem romancistas nos dois países – "O romance existiu no Brasil, antes de haver romancistas brasileiros. Quando apareceram, foi natural que estes seguissem os modelos, bons e ruins, que a Europa já havia estabelecido em nossos hábitos de leitura." (Schwarz: 2003: 35) – o que torna o estudo romanesco nesses contextos um tanto peculiar.

Dessa forma, os primeiros que se aventuraram na tarefa de *criar* o romance em língua portuguesa – obrigados a "oferecer aos leitores *tramas* interessantes *como as francesas*, mas, ao mesmo tempo, suficientemente *próximas das experiências*

[1] Mestranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob orientação do Professor Dr. Paulo Fernando da Motta de Oliveira, com a pesquisa "Eça e Alencar: duas mulheres". Contato: monica.rodrigues.santos@usp.br.

cotidianas de brasileiros e portugueses para que estes, na hora decisiva da compra, preferissem um Camilo e um Alencar, a um Eugênio Sue ou Alexandre Dumas" (Oliveira 2008: 178, grifos meus) –, por conta da inexperiência e de seus contextos socioeconômicos e históricos, nos legaram textos "truncados e de difícil leitura" (especialmente para o leitor do século XXI, habituado à rapidez das séries da TV americana, por exemplo), com enredos "problemáticos", personagens "pouco complexos" e "descompassos formais" quando comparados aos já consolidados romances franceses e ingleses da época.

Ora, como parte do processo de consolidação do gênero, essas produções têm sua importância e serviram como experiência para que surgissem grandes romancistas brasileiros e portugueses. Machado de Assis e Eça de Queirós só existiram porque antes deles tivemos Alencar e Bastos, por exemplo.

A desvalorização de obras operada pela crítica aconteceu com livros como *A virgem da Polônia*, do português José Joaquim Rodrigues de Bastos, publicado em 1860, romance que aqui será comparado à *Senhora*, de José de Alencar, de 1875. Um período de 15 anos separa as duas obras e a composição de Alencar é coesa e bem acabada, porém o foco da comparação não será dos aspectos formais das duas obras, tampouco apresentaremos juízos de valor. Ao contrário, aqui faremos apenas uma aproximação entre as personagens principais das obras: Maria, a virgem que viaja o mundo e é ouvida por importantes homens, da primeira, e Aurélia, a senhora todo-poderosa da segunda.

A leitura a ser feita concentra-se na *subversão* (por falta de termo mais adequado) que ambas cometem dentro da tradição patriarcal em voga no século XIX. Como contraponto à força das duas personagens dentro do contexto das publicações, veremos Luísa, a protagonista do livro *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós, publicado em 1878.

Vale citar, para justificar mais uma vez a importância daqueles que vieram antes dos grandes romancistas e fechar a primeira parte deste, um trecho da introdução de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira para *O filho do pescador*, de Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa, livro de 1843, "A primeira obra a que se pode chamar romance brasileiro é, pois, O Filho do Pescador, de Teixeira e Sousa. *E o livro, se não influenciou literariamente, influenciou pelo exemplo a outros escritores. (...) Com ele temos um caminho aberto – aberto para outros e para o mesmo autor*. O mestiço de Cabo Frio é que *dá começo à história do nosso romance* – do romance brasileiro, situado no Brasil, feito por filho do País, de espírito formado na terra, e a ela radicalmente ligado." (Sousa 1977: 9, grifos meus)

O poder do dinheiro

Ela não fala; tine como ouro.

Senhora começa com a descrição da "rica e formosa deusa dos bailes", Aurélia Camargo. É dividido em quatro partes correspondentes aos processos comerciais: *O preço*, *Quitação*, *Posse* e *Resgate*, cada uma com capítulos independentes, mas que no conjunto formam a história da menina órfã que ao receber uma gorda herança compra um marido, Fernando Seixas.

A descrição da garota e de seus atos é feita por meio de termos do universo comercial em que "o ouro é o grande legislador"; além de bela, a jovem rica encanta a

todos e assusta com seus modos "impróprios de meninas bem educadas"; ela governa sua vida e sua casa como bem entende; é senhora de si e, posteriormente, do marido.

Apesar de a maneira com que matéria principal da obra se apresenta ter sido questionada pela crítica, é inegável que o poder de Aurélia concentra-se no dinheiro: bem universal indiscutível dentro do enredo; é por meio dele que a *senhora* exerce seu poder e consegue o que deseja.

> Aqui presidem *o cálculo do dinheiro e das aparências*, e o amor. (...) A matriz distante são a sala e prosa de Balzac. Finalmente, no centro deste centro, a voltagem vai ao teto quando está em cena Aurélia, a heroína do livro. Para esta herdeira bonita, inteligente e cortejada, o dinheiro é rigorosamente a mediação maldita: questiona homens e coisas pela fatal suspeita, a que nada escapa, de que sejam mercáveis. (...) Pureza e degradação, uma é talvez fingida, uma é intolerável: lançando-se de um a outro extremo, Aurélia dá origem a um movimento vertiginoso, de grande alcance ideológico – o alcance do dinheiro, esse "*deus moderno*" – e um *pouco banal*; *falta complexidade a seus polos*. (Schwarz 2003: 43, grifos meus)

Não seriam, porém, o tom irônico que perpassa o romance e a suposta "falta de complexidade" possíveis chaves de leitura da obra no *contexto brasileiro* – já que segundo Valéria de Marco (1993: 16, grifos meus) "Alencar esboça um elemento fundamental de sua originalidade e consequente importância para a literatura brasileira, uma vez que é o primeiro a tematizar a relação de *tensão entre a produção cultural de um país dependente e as diferentes metrópoles desenvolvidas*, usando para isso os *conceitos da época – nacional e estrangeiro*." – em que a riqueza, por exemplo, é dado "natural" e não explicado nas construções literárias? Talvez os pólos estejam construídos exatamente como *deveriam* e sejam parte fundamental para a história:

> Problemas, contradições, paradoxos, fracassos, defeitos, terreno inadequado para o florescimento do romance, mal resolvidos... (...) No caso das literaturas menos poderosas (o que significa *quase todas as literaturas*, dentro e fora da Europa) –, no caso dessas culturas menos poderosas, o sucesso do modelo anglo-francês no mercado internacional implica uma série infinita de formações acomodatícias; e formações frágeis, instáveis: programas impossíveis, fracassos e tudo o mais. É, ainda, "desenvolvimento do subdesenvolvimento" dentro do campo literário: onde a dependência aparece – infelizmente – como a força decisiva da vida cultural. (Moretti 2003: 205)

Deixaremos, porém, essas questões para uma futura discussão.

O poder da argumentação

E, ouvindo-a, todos desejavam trilhar a estrada que ela lhes indicava.

Best-seller do Romantismo português, *A virgem da Polônia* é um exemplo de literatura cujo objetivo é doutrinar o público e defender a moral e a religião (Sobreira 2001: 3). O autor cumpre a tarefa por meio de sua protagonista Maria, a qual converte homens e mulheres, é ouvida por generais e autoridades, é louvada e exerce "espécie de autoridade e de império sobre os corações." (Bastos 1860: 303)

A virgem discursa em casa sobre política; em suas viagens, primeiro para a Grécia, depois para a Palestina ela encanta e persuade os ouvintes com seus discursos, sempre fazendo reflexões importantes, praticando a caridade e exaltando seu Deus: "não se pense porém que o matar a fome dos pobres, acrescentou ela, é suficiente para se cumprir a lei do Senhor. Duas coisas são para isso necessárias: a caridade e a devoção, virtudes essencialmente dependentes uma da outra, para merecerem este nome." (Bastos 1860: 97)

Além de justa e caridosa, Maria é persuasiva e poderosa: "O encanto de suas palavras, as doces inflexões da sua voz, levavam sempre consigo a convicção; e a coragem que ela sentia, e o fogo em que ela ardia, comunicava-se." (Bastos 1860: 307).

Se em *Senhora*, temos um vocabulário pecuniário e descrições irônicas acerca do poder que o dinheiro conferira à Aurélia Camargo, aqui vemos longos parágrafos repletos principalmente de vocabulário religioso com intenção de conversão. Acerca disso nos diz Sobreira (2001: 3) "o êxito do Conselheiro Bastos traduz a permanência de uma procura importante de literatura edificante no preciso momento em que se laicizam os interesses da elite culta."

Essas mulheres: aproximações

Luísa, a Luisinha, saiu muito boa dona de casa: tinha cuidados muito simpáticos nos seus arranjos; era asseada, alegre como um passarinho, como um passarinho amiga do ninho e das carícias do macho.

A aproximação entre *Senhora* e *A virgem da Polônia* pode começar no prefácio –"Como costuma ocorrer em momentos de renovação, os escritores românticos sentiram a necessidade de *explicar e justificar sua produção perante o público*, e dotaram suas obras de um vasto corpo paraliterário de prefácios, notas e posfácios, nos quais expunham pontos de vista e rebatiam críticas que lhes eram feitas." (Martins 2005: 5, grifos meus) – de ambas as obras já que as duas tratam da virtude. Na primeira, da virtude da mulher que resiste às tentações: "Há efetivamente *um heroísmo de virtude na altivez dessa mulher*, que resiste a todas as seduções, aos impulsos da própria paixão, como ao arrebatamento dos sentidos." (Alencar 2010: 11, grifo meu) e na segunda, da virtude da obra (e de sua protagonista): "Ela na sua parte religiosa e moral é uma luta vitoriosa da verdadeira contra as falsas religiões, um antídoto contra o veneno do vício, uma espécie de *hino à virtude*: e na sua parte política é uma constante aspiração à liberdade (...)" (Bastos 1860: 7, grifo meu)

Outro paralelo possível relaciona-se ao nome das personagens e à carga semântica que carregam, a saber: Aurélia, do latim *aurum* (ouro), traz no próprio nome a riqueza; quando caracterizada como "rainha dos salões, tão adorada, quanto fria e indiferente" vemos também as três características básicas atribuídas ao dinheiro – adorado, porém tão frio e indiferente quanto à *senhora*. Maria tem o mesmo nome da mãe do filho de Deus – "na terra ela era a imagem viva da Virgem das virgens que

habita no céu" (Bastos 1860: 136) – e quando visita o local onde este nascera, emociona-se: "Oh! Quem pode explicar qual foi o transporte de Maria, ao entrar na sagrada gruta, e ao ler as palavras: Aqui da Virgem Maria Jesus Cristo nasceu? Quem pode saber o que ela lhe disse, quando, prostrando-se por terra, e vertendo lágrimas de prazer, se pôs fervorosamente a orar?" (Bastos 1860: 98)

Maria, além das "prendas ordinárias de seu sexo", aprendeu línguas e estudou as ciências – filosofia, religião, música, pintura –; Aurélia surpreende seu tio e tutor Lemos com sua perspicácia conforme vemos a seguir:

> O princípio vital da mulher abandonava seu foco natural, o coração, para concentrar-se no cérebro, onde residem as faculdades especulativas do homem.
>
> (...)
>
> Era realmente para causar pasmo aos estranhos e susto a um tutor a perspicácia com que essa moça de dezoito anos apreciava as questões mais complicadas; o perfeito conhecimento que mostrava dos negócios; e a facilidade com que fazia, muitas vezes de memória, qualquer operação aritmética por muito difícil e intrincada que fosse.
>
> Não havia porém em Aurélia nem sombra do ridículo pedantismo de certas moças que, tendo colhido em leituras superficiais algumas noções vagas, se metem a tagarelar de tudo.
>
> Bem ao contrário, ela recatava sua experiência, de que só fazia uso quando o exigiam seus próprios interesses. Fora daí, ninguém lhe ouvia falar de negócios e emitir opinião acerca de coisas que não pertencessem à sua especialidade de moça solteira. (Alencar 2010: 28-29)

Em outro trecho, a inteligência de nossa menina de ouro é destacada:

> A natureza dotara Aurélia com a inteligência viva e brilhante da mulher de talento, que, se não atinge ao vigoroso raciocínio do homem, tem a preciosa ductilidade de prestar-se a todos os assuntos, por mais diversos que sejam. O que o irmão não conseguira em meses de prática foi para ela estudo de uma semana. (Alencar 2010: 96)

A virgem, submissa ao pai – e não aos seus interesses, como Aurélia – é também inteligente:

> Chegou a adquirir uma quantidade de conhecimentos que a habilitavam a disputar vitoriosamente com alguns sábios escolhidos que concorriam a sua casa: mas nunca o fazia sem que o pai lho ordenasse, e ele lho ordenava muitas vezes, assim pelo singular prazer de a ouvir, como pela glória que lhe resultava de a ver triunfar. (Bastos 1860: 46)

Enquanto Maria recebia aplausos após seus discursos – "Maria calou-se, não sem ser vivamente aplaudida" (Bastos 1860: 61) – Aurélia recebia felicitações nas festas – "Acabada a valsa, Aurélia recebeu risonha as felicitações das amigas e convidadas." (Alencar 2010: 238) As duas personagens são ícones, cada uma à sua maneira, admirados e invejados por aqueles que as observam: a rica menina brasileira recebe

elogios por sua beleza, riqueza e graça; a polaca, por sua capacidade retórica, caridade (aos sete anos, por exemplo, gasta o dinheiro recebido do pai para seus mimos, com os pobres "Eu não preciso de nada, e os pobrezinhos precisam de tudo") e devoção a Deus.

As duas personagens possuíam *dotes* – conjunto de bens que se dá a quem vai se casar, geralmente concedido por algum ascendente; qualidade física, intelectual ou moral; dom. –, o de Aurélia é palpável e desejado, como vemos no seguinte diálogo:

> – Já vejo que a senhora não é nada lisonjeira. Está desmerecendo nos meus *dotes* – acudiu a menina sublinhando a última palavra com um fino riso de ironia. – Então não sabe, dona Firmina, que eu tenho um *estilo de ouro*, o mais sublime de todos os estilos, a cuja eloquência arrebatadora não se resiste? As que falam como uma novela, em vil prosa, são essas moças românticas e pálidas que se andam evaporando em suspiros; eu falo como um poema: sou a poesia que brilha e deslumbra!
> – Entendo o que você quer dizer; o dinheiro faz do feio bonito, e dá tudo, até saúde. Mas, repare bem, os seus maiores admiradores são justamente aqueles que não podem pretender sua riqueza; uns casados, outros já velhos...
> – Quando pela primeira vez fumaram perto da senhora, não sentiu alguma coisa, um atordoamento?... Pois o ouro tem uma fumaça invisível, que embriaga ainda mais do que a do charuto de Havana, e até mesmo do que a desse nojento cigarro de papel, com que os rapazes de hoje se incensam. Toda essa gente que rodeia um velho ricaço, ministros, senadores e fidalgos, decerto que não espera casar-se com a burra do sujeito; mas sofre a atração do dinheiro. (Alencar 2010: 20)

Já o dom da virgem polaca se mostra mais abstrato e sublime, condizendo com sua devoção: "Ela pegou então a lira; e as cordas da lira, *debaixo de seus dedos de neve, pareceram exalar sons divinos*; ela cantou um hino ao Senhor, e todos se sentiram como arrebatados a uma região desconhecida." (Bastos 1860: 71, grifos meus)

Vimos o quanto Aurélia e Maria são influentes e conseguem alcançar seus objetivos – a primeira por conta da riqueza que possui e a segunda graças ao seu poder de persuasão; cada uma à sua maneira, mas ambas ocupando uma posição tipicamente masculina: Aurélia, uma posição de comando das vidas, que a menina exerce por meio de transações comerciais:

> – (...) *Sou rica, muito rica, sou milionária*; precisava de um marido, traste indispensável às mulheres honestas. *O senhor* [Fernando Seixas] *estava no mercado*; *comprei-o*. Custou-me cem contos de réis, foi barato; não se fez valer. Eu daria o dobro, o triplo, toda a minha riqueza por este momento. (Alencar 2010: 87, grifos meus)

Maria, por meio de seus discursos e ensinamentos respeitados e acatados:

> – Se há Deus, e vós [Maria] o não sois; vós que *exerceis sobre mim uma ação que eu desconheço*, um poder que eu quero repelir e não posso, então *sois de certo um enviado de Deus*. Como tal eu vos saúdo. Manda e

> sereis obedecida; d'ora em diante as vossas ordens serão as minhas leis. (Bastos 1860: 135, grifos meus)
>
> *O homem soberbo na prosperidade*, insofrido na adversidade, e que sempre se feria a corda do seu amor próprio disparatava, *escutou* não só com a maior atenção, mas *com evidentes sinais de reconhecimento, as instruções de uma mulher*, as lições de uma virgem: efeito admirável do predomínio da virtude! (Bastos 1860: 301, grifos meus)

Existe, porém, outra personagem feminina, que serve aqui de contraponto às duas primeiras: Luísa, d'*O Primo Basílio*, que é segundo seu autor em carta de 12 de março de 1878 a Teófilo Braga (Queirós 1971: 320) "senhora sentimental, mal-educada, nem espiritual (porque cristianismo já não tem; sanção moral da justiça, não sabe o que isso é), arrasada de romance, lírica, sobre-exitada no temperamento pela ociosidade e pelo mesmo fim do casamento peninsular que é ordinariamente a luxúria, nervosa pela falta de exercício e disciplina moral, etc., etc., – enfim a burguesinha da Baixa."

Ora, Luísa não se aproxima das protagonistas de *Senhora* e d'*A Virgem da Polônia*, apesar de o romance ter sido publicado em 1878, ou seja, não muito distante dos dois primeiros. Longe de ser senhora de seus atos e palavras, Luísa é a típica leitora de romances que "desejaria estar numa banheira de mármore cor-de-rosa, em água tépida, perfumada e adormecer! Ou numa rede de seda, com as janelas cerradas, embalar-se, ouvindo música." (Queirós 1971: 13)

Para não deixar de lado a matriz francesa da qual falamos no começo, podemos pensar no quanto Luísa se parece com Eugênia Grandet, a personagem que dá nome ao romance francês de Honoré de Balzac publicado 45 anos antes (1833). Apesar da riqueza de Eugênia, tão semelhante à de Aurélia, ela desconhece seu poder; como Luísa, Eugênia se apaixona pelo primo, que vai para a Índia e ao voltar não cumpre as promessas de amor eterno – da mesma forma que Basílio não o faz; Eugênia poderia, como Aurélia, ter comprado o primo, mas por ignorância, não o faz. A pobre Luísa não *podia* comprar seu primo, mas, como Eugênia, acredita no amor e tem como resultado a desilusão.

Considerações finais

Maria e Aurélia são personagens poderosas que ocupam lugares masculinos: ordenam, comandam, tomam decisões e são obedecidas e ouvidas. Maria, a virgem devota quase santa, o faz graças ao seu poder da palavra, Aurélia, por meio de seu poder pecuniário. Já Luísa, sonhadora e adúltera, se submete às chantagens de Juliana, não tem o amor do primo, adoece, não resiste e morre infeliz e sem alcançar seu objetivo de viver um lindo romance, ou seja, é personagem (muito) distante das duas primeiras.

Se "um novo espaço que faz surgir uma nova forma" (Moretti 2003: 208) as diferenças e semelhanças entre as personagens aqui apontadas se justificam por conta dos contextos, necessidades e objetivos de cada uma das obras. Vimos, porém, o quanto Aurélia e Maria são parecidas por deterem o poder sobre os demais personagens e, portanto, como construções literárias têm papéis importantes dignos de destaque e investigações mais profundas, principalmente se considerarmos o estudo da formação do romance enquanto gênero idiossincrático tanto no Brasil quanto em Portugal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José de. *Senhora*. Porto Alegre: L&PM, 2010.
BASTOS, José Joaquim Rodrigues de. *A Virgem da Polônia*. Porto: Cruz Coutinho, 1860.
MARCO, Valéria de. *A perda das ilusões*: o romance histórico de José de Alencar. Campinas: SP: Editora da UNICAMP, 1993.
MARTINS, Eduardo Vieira. *A fonte subterrânea*: José de Alencar e a retórica oitocentista. Londrina: Eduel, 2005.
MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu*: 1800-1900. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
OLIVEIRA, Paulo Fernando da Motta. A ascensão do romance em português: para além das histórias literárias nacionais. In: *Veredas*, Santiago de Compostela, n. 10, p. 173-181, dez. 2008.
QUEIRÓS, Eça de. *O primo Basílio*. São Paulo: Abril Cultural, 1971.
SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2003.
SOBREIRA, Luis. Uma imagem do campo literário português no período romântico através dos best sellers produzidos entre 1840 e 1860. Artigo apresentado no *IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada.* Évora: 2001.
SOUSA, Antonio Gonçalves Teixeira e. *O filho do pescador [por] Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa*. São Paulo: Melhoramentos, 1977.
VASCONCELOS, Sandra Guardini T. *A formação do romance inglês*: ensaios teóricos. São Paulo: Aderaldo & Rothschild; Fapesp, 2007.

Artigo recebido em 03 de setembro de 2011 e aprovado em 04 de outubro de 2011